

**Culto à Beleza e Resgate da Imagem de Top Model: Representações da Figura Feminina Xuxa
na Condução da Atração Televisiva Dancing Brasil**

**Beauty Culture and Resume of the Top Model Image: Representations of the Female Xuxa
Figure in the Conduction of the Television Dancing Brazil**

Bruno Gomes Pereira

Doutor em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins
Professor de Linguagens do Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos
E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com

Endereço: Bruno Gomes Pereira

Rua 7, n. 770, Bairro São João, CEP 77824-866,
Araguaína (TO), Brasil.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 08/08/2017. Última versão
recebida em 17/09/2017. Aprovado em 18/09/2017.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar representações discursivas que se recombina acerca da figura feminina da apresentadora de televisão Xuxa Meneghel, durante a condução do programa noturno *Dancing Brasil*, apresentado pela Record TV. A teoria mobilizada é a Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo em vista a ênfase dada ao perfil empoderado do sujeito. A análise dos dados é de caráter qualitativo e do tipo documental, pois serão analisadas imagens veiculadas a partir da apresentação do programa ora referido. A análise dos dados revela a necessidade da mídia televisiva em cultuar o perfil luxuoso da apresentadora, o que converge com seu histórico de ostentação com o título de Rainha.

Palavras-chave: Xuxa. Análise Crítica do Discurso. Mídia Televisiva.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze discursive representations that recombine about the female figure of television presenter Xuxa Meneghel during the conduction of the night program *Dancing Brasil* presented by Record TV. The mobilized theory is the Critical Discourse Analysis (CDA), considering the emphasis given to the empowered profile of the subject. The analysis of the data is qualitative and of the documentary type, since it will be analyzed images transmitted from the presentation of the program referred to herein. The analysis of the data reveals the need of the television media to worship the luxurious profile of the presenter, which converges with its history of ostentation with the title of Queen.

Keywords: Xuxa. Critical Discourse Analysis. Television Media.

“Diga espelho meu / Qual é o modelo que eu tenho que seguir / Qual a fantasia que eu tenho que vestir / De cetim ou de veludo / Diga espelho meu / Qual é o caminho que eu tenho que seguir / E na passarela da vida descobrir / Que a felicidade é tudo” (Espelho Meu, Xuxa, 1993).

1 INTRODUÇÃO

Beleza, exuberância e sensualidade. Estas eram as palavras que definiam Xuxa Meneghel durante seus tempos áureos como modelo. Tais atributos a faziam ser a modelo mais fotografada dos anos 1980 e, juntamente com isso, conferiam a ainda não apresentadora o rótulo de símbolo sexual, povoando a mente de milhares de marmanjos da época.

A ideia de beleza inatingível acompanha a referida apresentadora até os dias atuais, sendo, muitas vezes, motivo para atrair audiência e repercussão nas redes sociais durante o noturno *Dancing Brasil*, atração comandada por Xuxa nas noites de segunda-feira, na Record TV.

A epígrafe deste artigo, retirada na música “Espelho Meu”, encontrada no álbum *Xuxa*, de 1993, resume perfeitamente a ideia de roupa e sensualidade como apetrecho para se chegar à felicidade. Esta mesma canção serviu como pano de fundo para as atividades comemorativas de Xuxa, enquanto estava na Vênus Platinada, no Especial Xuxa 20 Anos. Na ocasião, “Espelho Meu” serviu como música responsável por lembrar a carreira de Meneghel como modelo, a qual foi apoteoticamente ovacionada.

A ideia de felicidade, tratada pela música, está intrinsecamente ligada à ideologia de beleza física, sensualidade e fortaleza da mulher fatal, a qual sintetizava a imagem de Xuxa nos anos 1980. Essa intenção parece-nos uma tentativa de retomada de uma Xuxa conhecida mundialmente pela beleza, o que povoa o que chamamos de memória efetiva.

O objetivo desse artigo é analisar as representações advindas da imagem de Xuxa na apresentação do programa *Dancing Brasil*, compreendendo tais apresentações como manifestações ideológico-discursivas capazes de semiotizarem situações específicas do uso linguístico (FAIRCLOUGH, 2012). Tais semiotizações operam no plano discursivo, de maneira a atrelar-se às esferas midiáticas e publicitárias (PEREIRA, 2017).

Como teoria, nos apoiamos nas concepções da Análise Crítica do Discurso (ACD), de linha americana, uma vez que se trata de um ramo dos estudos linguísticos de natureza interdisciplinar. Isso nos parece pertinente, tendo em vista que a recombinação discursiva é fator basilar na construção dos efeitos de sentidos do *corpus* tratado aqui.

Do ponto de vista metodológico, temos uma pesquisa documental (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009; CELLARDI, 2008), visto vez que tratamos as fotos, bem como os signos linguísticos plurais, como gêneros discursivos capazes de acumular ideologias que se personificam e, com isso, propõem um retrocesso histórico.

A abordagem é qualitativa (FLICK, 2009), por quanto que a maneira como os dados foram analisados consiste no princípio da interpretabilidade, o que exige do pesquisador uma sensibilidade pertinente ao que os dados revelam.

Em síntese, esperamos que esse artigo possa servir como incentivador para outras pesquisas sobre construção de sentidos e leitura de textos imagéticos, bem como a maneira como tais sentidos se personificam e ajudam a compor identidades dos sujeitos sociais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, apresentamos o aporte teórico desse artigo, ou seja, as teorias que mobilizamos na construção da leitura que propomos sobre os dados apresentados.

Esse trabalho está inserido no campo interdisciplinar da ACD, teoria da linguagem que problematiza o discurso como aporte social e historicamente marcados. Na seção seguinte, apresentamos as principais diretrizes da ACD.

2.1 Análise crítica do discurso

A ACD é uma vertente dos estudos da linguagem que encontra no discurso seu principal elemento problematizador. Seus principais estudos decorrem dos pressupostos de Fairclough (2012; 2008), pesquisador americano que propõe uma visão libertadora de discurso, ideologia e poder.

Em seu trabalho, Fairclough (2012) argumenta sobre o poder de persuasão do discurso que, muitas vezes ocorre de maneira implícita. Assim, desdobrar os sentidos do discurso é, para o autor, tarefa árdua, tendo em vista os aspectos extralinguísticos. Estes fatores, para o pesquisador, são de cunho sociais, históricos e culturais, ou seja, a construção de sentidos é algo marcado e orientado, não podendo ser construído de qualquer maneira.

Ainda para Fairclough (2008), os desdobramentos do discurso são condicionados por relações de poder, pelas quais o sujeito é dotado de uma postura crítica, capaz de ser o senhor de suas próprias intenções. Nesse sentido, dizemos que discurso e poder formam uma

articulação pertinente para o desenvolvimento da habilidade de leitura no âmbito dos estudos linguísticos e sociológicos.

Observemos a figura abaixo:

Figura 1 – Relação entre discurso e outras esferas



Fonte: Autoria Própria

De acordo com a figura acima, o discurso é permeado por interlocuções específicas, representadas por esferas menores em tons desbotados: poder e ideologia.

Sobre a ideia de poder, nos apoiamos nas bases sociológicas propostas por Bourdieu (1989), Gnerre (1991) e Latour (2012), só para citar alguns.

Conforme Bourdieu (1989), o poder é uma manifestação simbólica que emerge a partir da construção discursiva de elementos de bases sociais distintas. Em outras palavras, trata-se de um poder simbólico na acepção mais abstrata da palavra, tendo em vista que a noção de abstração engloba proposições de complexidade. Para tanto, o simbólico a que o autor faz referência está diretamente associado aos domínios mentais que o ser humano nutre em referência àquilo que pensa ser importante e hegemônico.

Essa concepção nos é pertinente, tendo em vista que a imagem da apresentadora Xuxa parece ser empoderada a partir do momento que retoma ao glamour de décadas passadas. Por fazer referência ao que o grande público imagina como sendo o auge de Xuxa, a espera de êxito se espera também pelo poder conferido às vestes da comunicadora.

Já Gnerre (1991) acrescenta que este poder pode se tornar personificado por meio da linguagem. Para o autor, o que constrói o poder não é apenas o discurso, mas sim sua articulação com a linguagem, estando nessa última a possibilidade de reafirmação de empoderamento por meio de pistas mais concretas de construção de significados.

A visão do autor é que nos confere subsídios para identificarmos pistas imagéticas capazes de construir sentidos e recombinar discursos que remete a imagem de Xuxa à noção de empoderamento. Por isso, torna-se possível identificar elementos como cores e posições nas fotografias que nos remetem aos tempos de modelo de Xuxa. A visão de Gnerre é mais concreta, oferece-nos subsídios para uma interpretação mais exata do *corpus*.

Por outro lado, na visão de Latour (2012), vivemos em uma sociedade composta por redes interconectadas, capazes de construir sentidos e articulações semântico-sociais. O referido autor, mesmo não falando propriamente sobre poder na esfera sociopragmática, ressalta a importância de se considerar o sujeito como ator na esfera cultural e histórica. Isso, por consequência, não adere à noção de sujeito como ser assujeitado, mas sim como ator historicamente marcado, o que lhe confere características críticas, reflexivas e conscientes do uso linguístico.

Ao readaptar esse olhar no que tange às especificidades aqui tratadas, podemos assegurar que a construção de constructos de poder, que asseveram o caráter ideológico do *Dancing Brasil*, se dá, também, pela noção de Xuxa Meneghel como ator socialmente construído, o que, facilmente, a remete aos tempos de modelo. Assim, o que chamamos de referência torna-se um tempo histórico em que a exuberância era basilar para o conceito de beleza, embora o século XXI tenha a sofisticação como ingrediente para tal definição.

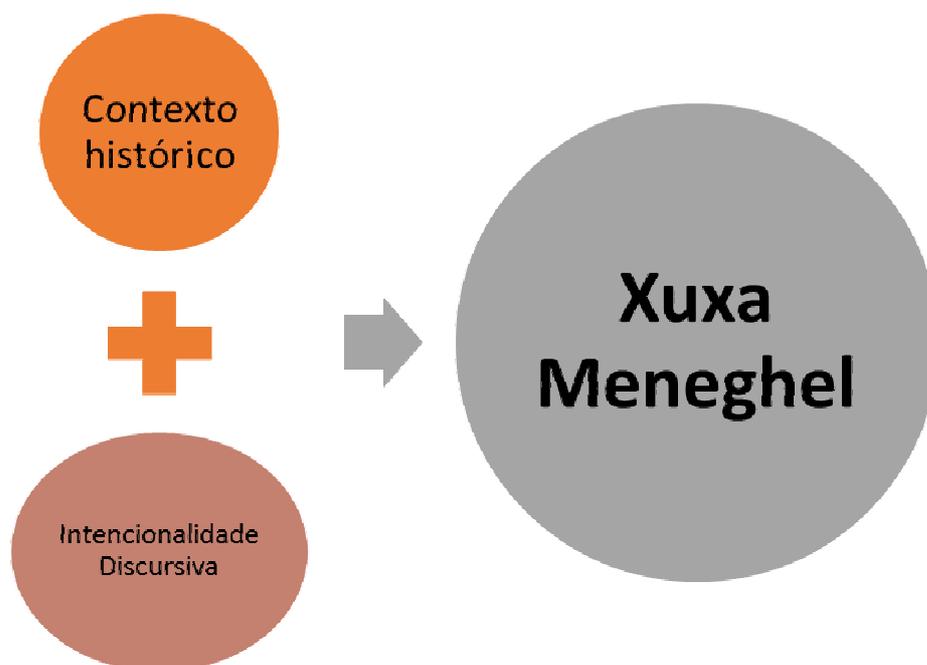
Nesse sentido, a teoria de ator-rede, proposta por Latour (2012), pode ser relacionada à figura de Xuxa no que se refere à maneira como é, ideologicamente, representada em seu programa. O culto à exuberância, ao corpo e à beleza sofisticada, ao mesmo tempo em que é algo típico da apresentadora, também pode ser concebido como recurso retórico de retomada de uma memória afetiva e perpetuação da figura de Rainha.

Tendo em vista o que ora é argumentado, é pertinente concebermos que a construção de poder é, na verdade, algo ideologicamente marcado, tendo em vista que o princípio da intencionalidade é visto como pressuposto norteador para a retomada da Rainha *fashion*.

Diante disso, é válido refletir um pouco sobre ideologia nos estudos linguísticos e discursivos da linguagem. Para isso, nos embasamos nos trabalhos de Benveniste (2006), Blommaert (2014), Fiorin (2011; 1996), Hanks (2008), Maingueneau (1997), só para citar alguns.

A Figura 2 ilustra a ideia de ideologia que aplicamos neste trabalho a partir da noção de construção ideológica e representação do ator Xuxa na atração noturna já referida nesta abordagem.

Figura 2 – Construção ideológica a partir da representação do ator Xuxa



Fonte: Autoria Própria

A Figura 2 está intrinsecamente relacionada à Figura 1. Na ilustração acima, percebemos que os fatores “Contexto Histórico” e “Intencionalidade Discursiva”, uma vez somados, ajudam a costurar a anatomia do ator social Xuxa Meneghel.

O contexto histórico de que fala a figura acima é condizente com os pressupostos de Benveniste (2006), já referenciado. Na visão do autor, ao identificar problemas na linguística estrutural, propondo uma visão mais discursiva, concebe o contexto histórico como fator basilar para a construção da personalidade de quem quer que seja. Nesse sentido, o pesquisador referencia alguns pontos essenciais para se entender a história como ponto basilar de análise: o estabelecimento da ideia de cultura e como isso ressoa na construção de conceitos.

No que se refere ao que estamos discutindo neste artigo, há uma retomada à concepção de beleza dos anos 1980, quando Xuxa era top model, entretanto com uma pitada de sofisticação, já característico da atualidade. Nesse sentido, é correto afirmar que a

retomada e a representação da beleza e do mito real não ocorrem de maneira fiel, tendo em vista as especificidades históricas que as rodeiam.

Blommaert (2014), por sua vez, coaduna com o relatado acima, tendo em vista que, para o autor, a concepção histórica também confere ao ator social o que já denominamos de poder. Para o pesquisador, é necessário considerar que as peculiaridades históricas não se repetem, uma vez que não é possível voltar, literalmente, no tempo. Entretanto, há de considerar que a retomada é uma espécie de alusão que, por meio dos recursos imagéticos, propõe ao telespectador uma relembração quase fidedigna dos anos 1980.

Nesse mesmo sentido, os dizeres de Hanks (2008) são condizentes com o que propomos nessa abordagem. Para o autor, as pessoas são, na verdade, representações físicas de ideologias e maiores contidas em hábitos históricos e culturais. Assim, identificar uma relação interdiscursiva entre o culto a beleza de Xuxa e a atual conjuntura social é ser, na verdade, convidativo, uma vez que promove uma reflexão por parte dos telespectadores, no que tange ao que, de fato, é considerado “bonito”.

Já Fiorin (2011; 1996) é categórico, quando apresenta o que chama de percurso gerativo de sentido para a descrição e compreensão de um contexto histórico. Para o autor, há de se considerar que todo o processo histórico é, obviamente, marcado por um percurso orientador de análise, por meio do qual os sentidos são produzidos.

Tal percurso é visto como um processo que parte do eixo menos complexo para o mais complexo, por meio de uma proposta de enunciação no eixo de fragmentação discursiva, o que deixa o pesquisador apto a compreender o contexto histórico como algo determinante para a construção destes sentidos.

Assim, do ponto de vista da semiótica discursiva, esse percurso gerativo de sentido vai sendo construído a partir do momento que entendemos que o ator social Xuxa é um sujeito historicamente marcado e que, portanto, essas referências ao seu tempo áureo como modelo são sutilmente propostas, para que não haja estranhamento por parte de quem a acompanha. Isso, já característico do discurso publicitário, trata-se de uma rememoração construída de maneira sutil, o que pode despertar curiosidade dos telespectadores.

Maingueneau (1997) contribui para a discussão, apresentando uma visão mais pragmática sobre o discurso. Para ele, o contexto histórico subjaz a questões intransferíveis, as quais versam sobre a construção de efeitos de sentido, tais como o momento da globalização em que se refere. Assim, para o referido autor, o princípio da construção de sentidos está imbricado a um olhar do momento em si, acoplando singularidades da situação.

No que se refere ao trabalho ora apresentado, as inferências sobre os tempos de top model da apresentadora Xuxa são, na verdade, constructos abstratos, tendo em vista que a construção semântica ocorre em nível psicossocial.

A Figura 2 nos apresenta, ainda, a esfera de “intencionalidade discursiva”, que engloba concepções sobre discurso e intenção no momento da construção do mesmo. Sobre isso, são pertinentes os trabalhos de Costa Val (1999) e Koch (2003). Nessa seção, falaremos de uma maneira geral sobre a construção da intencionalidade nos sentidos dos textos, deixando maiores informações a serem explicitadas e consultadas nas seções seguintes.

Conforme Costa Val (1999), a intencionalidade é parte constituinte do que os estudos da linguagem chamam de “textualidade”. Entretanto, não é nosso interesse aqui apresentar um longo debate sobre a definição desta propriedade, mas sim entender como a textualidade se desenvolve a partir da esfera de intencionalidade, gerando discursos e construção de poder.

Nesse sentido, Koch (2003) contribui para a discussão, pois acrescenta que a intencionalidade é um processo construído com base na noção de dupla via. Em outras palavras, a intenção do discurso não está nele em si, nem nos interlocutores que o emanam, mas sim em toda a conjuntura social, cultural e histórica que proporcionam a interação entre os atores.

No que se refere ao *corpus* tratado nesse artigo, é possível afirmar que a fala de Koch (2003) empodera o enunciador no sentido de conferir poder e liberdade para construção de sentidos. Em outras palavras, os sentidos que conferimos à linguagem não verbal tratada nesse estudo é, na verdade, uma construção a partir de micro filamentos discursivos, tais como os enunciadores envolvidos e as condições em que estes estão imersos.

Na próxima seção, apresentamos algumas noções sobre interdisciplinaridade que norteiam a produção dessa pesquisa.

2.2 Interdisciplinaridade

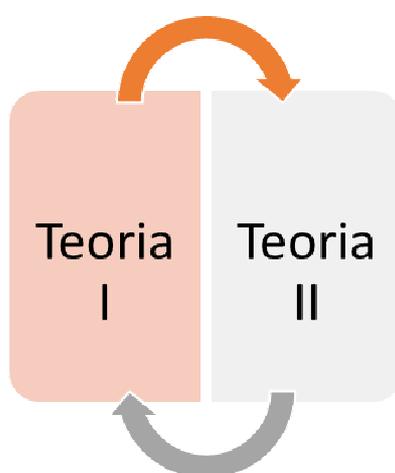
Entendemos por interdisciplinaridade os movimentos e articulações teóricas que, uma vez coerentes, promovem a complexidade do olhar científico sob determinado objeto de análise.

A ideia de complexidade a que aderimos aqui é condizente com os pressupostos de Morin (2011), que compreende o ser complexo como algo processual e que não se esgota em apenas um determinado ponto de vista. Para o referido filósofo, analisar qualquer objeto de

análise sob a ótica de uma única teoria é ter, no mínimo, uma visão ingênua sobre o fazer ciência em uma era, na qual a efemeridade se instala.

Esse pressuposto parece convergir com as visões de Fazenda (2008), Lima (2008) e Japiassu (2006), as quais se mostram bastante anacrônicas se as compararmos a uma visão positivista e cartesiana, que muitos ainda insistem em adotar. Diante disso, apresentamos a Figura 3 que consiste, justamente, na ilustração e demonstração do movimento interdisciplinar a que nos referimos.

Figura 3 – Movimento Interdisciplinar



Fonte: Autoria Própria

Conforme a figura acima, o movimento interdisciplinar é uma troca simultânea de informações entre teorias que se complementam. O movimento cíclico que é ilustrado poderia ser mais alargado caso o objeto em questão solicitasse mais de duas teorias para tornar seu olhar mais complexo.

De acordo com Fazenda (2008), as articulações interdisciplinares são concebidas a partir da troca de conhecimentos que sejam pertinentes, fazendo-nos pensar em níveis de interdisciplinaridade, como bem pontua Lima (2008). O autor complementa o raciocínio da pesquisadora e assevera que a complexidade do objeto depende, também, do grau dialógico entre informações extraídas das teorias ilustradas na Figura 3.

Já para Japiassu (2006), a construção interdisciplinar pode ser considerada um sonho, se partirmos da premissa de que esta interdisciplinaridade pode chegar a um nível considerado, o que o filósofo denomina de transdisciplinaridade. Sobre o movimento transdisciplinar recomendamos a leitura atenta de Japiassu (2006), tendo em vista que não é

nossa intenção fazermos uma extensa resenha sobre esta articulação, em razão do recorte que tratamos aqui.

A próxima seção é destinada a uma breve contextualização sobre alguns estudos acadêmicos que versam sobre Xuxa e sua importância na construção discursiva e na recombinação de hábitos culturais.

2.3 Xuxa e a memória afetiva: um panorama

Muitos são os estudos científicos que se propõem a analisar algum aspecto discursivo que envolve a influência da apresentadora Xuxa Meneghel como personagem midiática de forte apelo popular. Dentre os quais, citamos as pesquisas de Bessa e Pereira (2015), Zolin-Vesz (2013), Pereira (2017; 2015), dentre outras que analisam a referida artista sob diferentes aspectos. Entretanto, o mais célebre trabalho nessa ramificação é o de Simpson (1994).

Amélia Simpson (1994), estudiosa estadunidense, em meados nos anos 1990, apresentou um panorama discursivo, cultural e social de Xuxa a partir da movimentação de massa que se pressupõe na ocasião. De acordo com a referida pesquisadora, a dita Rainha dos Baixinhos é um típico exemplo de fenômeno de massa de países em desenvolvimento, tendo em vista a fragilidade social com a qual tais países são imersos. Na ocasião, os dizeres de Simpson (1994) causaram polêmicas, uma vez que focavam o “fenômeno” sob um olhar multifocal.

Dessa pesquisa, decorrem todas as outras listadas acima. Bessa e Pereira (2015) problematizam, pelo ponto de vista da didática, quais as contribuições da estética Xuxa Só para Baixinhos para o processo de ensino na educação infantil. Para os autores, por se tratar de um produto comercial de forte apelo popular, muitos professores o utilizavam como objeto de ensino na catalisação de habilidades de leitura e escrita de crianças de pouca idade.

Já Zolin-Vesz (2013) parte desse pressuposto para investigar discursos de inclusão social a partir da imagem da referida apresentadora, discursos estes que a representam como alguém capaz de promover a inclusão social, do ponto de vista ideológico, face a tremenda influência didática da apresentadora junto ao grande público. Para o referido autor, a imagem da apresentadora se confunde com os discursos de inclusão social que se re combinam com a ideologia de Rainha das massas.

Nessa mesma linha, Pereira (2017) discorre amplamente em sua pesquisa sobre Xuxa como o maior fenômeno de massa já fabricado pela mídia brasileira em todos os tempos. Para comprovar isso, o referido autor faz uma minuciosa análise de diferentes aspectos discursivos

que circundam a imagem da apresentadora, aspectos estes que se estendem desde sua origem como modelo até seu apogeu como apresentadora infantil, fase que a consagrou como celebridade definitivamente. Ainda conforme o pesquisador, o revival dos tempos de modelo da apresentadora é, na verdade, uma maneira da linguagem publicitária se autopromover, no sentido de que beber da fonte de tempos atrás ainda render inúmeros acessos nas redes sociais.¹

Pereira (2015), em outros estudos, assegura que a mídia, sobretudo a televisiva, usou em demasia a imagem da apresentadora no momento de sua transição de emissoras, quando assinou contrato com a Record TV e, com isso, deixou de ser a principal estrela da Rede Globo de Televisão. Na sua pesquisa, o autor analisa as representações da imagem de Xuxa em notícias sobre sua primeira aparição na Record. Os resultados revelam a pretensão do discurso midiático em perpetuar a imagem da rainha inatingível, a mesma imagem que a consagrou há 30 anos. Para o autor, trata-se de uma tentativa retórica da esfera ideológica na perpetuação da imagem de um determinado ator social.

Na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico que trilhamos para geração e tratamento dos dados apresentados.

3 METODOLOGIA

A metodologia que adotamos é do tipo documental com abordagem qualitativa dos dados. Isso, por sua vez, consiste na ideia de interpretação dos dados semiotizados a partir de construções discursivas que jugamos ser pertinentes.

Sobre o tipo documental de pesquisa, concordamos com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) e Cellardi (2008), quando afirmam que este tipo de pesquisa é bastante comum nas investigações científicas, sobretudo nas Ciências Humanas, o que não quer dizer que seja algo de fácil delineamento.

De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa documental é, na verdade, uma forma de registrar algo que ainda não passou por algum tratamento científico. Isso, por sua vez, requer um olhar sensível por parte do pesquisador, no que tange ao que ele concebe como registro.

¹ Sobre construção de sentidos da esfera publicitária, bem como do discurso publicitário, consultar o trabalho de Pereira, Reis e Brito (2013).

Nesse caso, as imagens que analisamos são consideradas documentos, partindo do princípio de que o tratamento que receberam é condizente com a atual demanda social, tal como foi mostrado no percurso teórico já mencionado nesse artigo.

Cellardi (2008) avança nas discussões sobre isso, tendo em vista que acrescenta à ideia de documento a perspectiva discursiva da linguagem, ao propor este tipo de pesquisa como relevante na semiotização de aspectos sociais que, ao serem registrados, geram sentidos dentro de um determinado tempo e espaço.

O olhar da autora nos parece bastante condizente com a teoria da complexidade de Morin (2011), já mencionada anteriormente, tendo em vista que concebe o documento como algo socialmente construído, permeado por sentidos e discursos que se recombina e faz com que o documento, de fato, exista.

A concepção de Cellardi (2008) é bastante colaborativa no que concerne à construção de sentidos das imagens analisadas, o que também vem a convergir com a noção de interpretabilidade da abordagem de pesquisa escolhida nesse artigo.

A abordagem qualitativa, já dita acima, é aquela que se baseia numa posição de interpretação subjetiva dos dados tratados, o que, na verdade, exige do pesquisador subsídios sociológicos, filosóficos, discursos e linguísticos suficientes para leitura dos dados.

Fick (2009) argumenta que a abordagem qualitativa agrega pontos basilares às investigações nas Ciências Humanas, tais como o princípio da indução, bem como a concepção de que tudo está ligado e, socialmente, construído.

Essa concepção vem de encontro aos critérios discursivos que utilizamos para seleção do *corpus*, conforme mostramos no Quadro 1. Este, por sua vez, é constituído por 4 colunas, a saber: o número da foto, o título, a temática do programa e, por fim, os critérios discursivos que propomos. Observemos o Quadro 1:

Quadro 1 - Critérios Discursivos para seleção do *corpus*

Foto	Título	Temática da ocasião	Critérios discursivos
1	A Dama de Vermelho	Estreia da Primeira Temporada	O corte semântico transversal proposto pela semiotização da cor vermelha como símbolo da sensualidade.
2	Rainha no Oscar	Músicas que embalarão as premiações do Oscar	A ludicidade e fantasia do contexto das estrelas de Hollywood como retomada ao discurso de empoderamento por meio do excesso de luxo.
3	Marilyn Meneghel Monroe	Músicas dos principais longas-metragens da história do cinema.	A vestimenta de Xuxa como Marilyn Monroe causa uma relocalização semântica na memória afetiva.

Fonte: Autoria Própria

O quadro acima é um panorama dos critérios que estabelecemos para a seleção dos dados, uma vez que estes existem em um grande volume quantitativo. Isso, por sua vez, contribui na sistematização de informações que corroboram para construção dos sentidos das imagens. Na próxima seção, apresentamos os referidos dados e fazemos suas respectivas análises.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para iniciarmos a construção das análises dos dados, partimos da concepção de Bakhtin (2006; 2003; 1984) sobre linguagem e discurso. Para o filósofo russo, a linguagem é, por excelência, um organismo dialógico que, portanto, mantém relações intertextuais com outros discursos que se revezam e se recombina no decorrer do tempo. Essa concepção corta transversalmente os postulados de Bakhtin, pois compreende o jogo polifônico que se perpetua a partir da relação entre signos linguísticos e ideológicos. Dessa forma, passemos ao tratamento das fotografias.

A Figura 1 apresenta uma Xuxa totalmente vestida em tons vermelhos, com excessos de brilhos e lantejoulas da mesma cor. Isso ocorreu na estreia da primeira temporada do *Dancing Brasil*. Observemos a foto:

Figura 1 - A Dama de Vermelho



Fonte: Divulgação da emissora

Ao observarmos a imagem, é possível percebemos o culto à silhueta da mulher, o que realça seus atributos físicos. Nesse sentido, o excesso do vermelho traz consigo a função de remeter aos exageros dos anos de 1980, período em que o excesso era bastante característico.

Os diferentes tons de vermelho, que se sobrepõem, simulam um jogo de vozes discursivas (MEY, 2001), que se articulam para promover a retomada da memória afetiva de uma Xuxa modelo que se destacava pelo seu brilho e exuberância peculiares.

Ao concordarmos com a concepção sociopragmática de Mey (2001), estamos afirmando que a cor vermelha remete, diretamente, ao pragmatismo da década de 1980, ainda que com um requinte de sofisticação, característica já peculiar dos tempos pós século XX.

A tempo, a sofisticação parece ser algo também recorrente em todo o *corpus*. Na Figura 2 também são perceptíveis uma retomada aos tempos de modelo, porém de maneira ligeiramente pontual. Observemos:

Figura 2 - Rainha no Oscar



Fonte: Divulgação da emissora

Na Figura 2, vemos uma Xuxa altamente sofisticada, vestida em trajes de gala, que remetem à festa do Oscar, maior premiação do cinema mundial. O Oscar é, historicamente, conhecido por ser o principal prêmio cinematográfico e, portanto, o mais cobiçado entre as celebridades.

Nessa ocasião, Xuxa muito lembrou os tempos em que desfilava pela Fenit (Feira de Indústria Têxtil), no início dos anos 1980, talvez não pelas atitudes no palco, típicas de uma condutora de programas de auditório já experiente, mas por uma vestimenta longa que valorizou sua silhueta de maneira homóloga aos tempos de top model.

De acordo com Machado (2005), o corpo em si é linguagem. Esse pressuposto, por sua vez, é que nos faz manter esse paralelo entre gerações. A construção da beleza corporal como objeto que gera sentidos perpetua a ideia de corpo perfeito da apresentadora. Nesse caso, a roupa nos parece pistas linguístico-discursivas que têm papel único de valorizar os atributos físicos da dita Rainha.

No que tange ao corpo como linguagem, estabelecemos um paralelo com o que vemos a seguir, explicitado na Figura 3:

Figura 3 - Marilyn Monroe Meneghel



Fonte: Divulgação da emissora

A fotografia acima é uma reprodução de uma cena clássica do filme *O Pecado Mora ao Lado*, protagonizado por Marilyn Monroe, na década de 1950. Na cena, Marilyn tem seu vestido levantado por uma onda de vento que, ao erguer seu vestido, deixa à mostra suas pernas lindas e longas, bem como parte de seus trajes íntimos.

Ao reproduzir a cena, Xuxa causou furor nas redes sociais e tornou-se assunto comentado em programas de televisão no mundo todo. Essa talvez tenha sido a rememoração afetiva mais explícita de todo o *corpus*. Entretanto, aqui, não vemos uma retomada à imagem da própria Xuxa como modelo, mas sim uma realocação discursiva, o que causa um desdobramento ideológico quase inédito na mente do telespectador.

Para compreendermos essa imagem, recorreremos à ideia de realocação de Pennycook (2010), quando o autor afirma que se trata da ressignificação de sentidos imbuídos num determinado ato linguístico. Ao se caracterizar como uma personagem que não consta em seu repertório, Xuxa realocaliza um discurso semiotizado para si, sendo que este mesmo discursivo não foi originalmente proposto para a apresentadora. Em outras palavras, a imagem de diva eterna conferida à Marilyn Monroe passa a ser aferida à Rainha dos Baixinhos pela aproximação física, e não propriamente por se tratar de algo verídico da carreira da apresentadora.

Já feita a discussão e análise dos dados, passemos agora a algumas considerações no findar desse artigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou algumas análises sobre a representação da apresentadora Xuxa Meneghel, a partir de construções de sentidos acrescidas pela manipulação ideológica da mídia televisiva.

Os dados revelaram um culto à imagem da apresentadora, o que remete aos tempos de modelo da referida artista. Isso, por sua vez, exige do pesquisador um conhecimento ideológico pertinente aos dados que foram tratados.

Do ponto de vista teórico, esperamos que este artigo possa contribuir, de maneira pertinente, com as pesquisas que versam sobre a construção ideológica e discursiva da ACD.

Em síntese, o referido artigo se propôs a convidar o leitor atento a um resgate da memória afetiva historicamente marcada, o que leva milhares de pessoas a terem seu comportamento influenciado e alterado a partir disso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.

_____. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BESSA, S. V. C.; PEREIRA, B. G. A Música como Ferramenta de Ensino na Educação Infantil: Uma análise da linguagem audiovisual da estética *Xuxa Só Para Baixinhos*. In.: PEREIRA, B. G.; LIMA, B. Q.; FRANCO, I. S. B. (orgs). **Língua e Literatura: Interfaces com o ensino**. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2015. p.121-135.

BLOMMAERT, J. Ideologias Linguísticas e Poder. In.: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (orgs). **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo/SP: Cortez, 2014. p. 67-77.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FAIRCLOUGH, N. A Dialética do Discurso. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discurso e Práticas de Letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 93-110.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.

FIORIN, J. L. Teoria dos Signos. In.: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 55-74.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1996.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HANKS, W.F. **Língua como Prática Social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo/SP: Cortez, 2008.

JAPIASSU, H. **O Sonho Transdisciplinar: E as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KOCH, I. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/BA: EDUSC, 2012.

LIMA, S. R. A. de. Mais Reflexão, Menos Informação. In.: FAZENDA, I. (org). **O que é Interdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 185-199.

MACHADO, I. Os Gêneros e o Corpo do Acabamento Estético. In.: BRAIT, B (org). **Bakhtin**: Dialogismo e construção de sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. P. 131-148.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1997.

MEY, J. L. **As Vozes da Sociedade**: Seminários de Pragmática. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

PENNYCOOK, A. **Language as a Local Practice**. Routledge, 2010.

PEREIRA, B. G. **O X da Questão**: Construção interdiscursiva do maior fenômeno de massa do Brasil. Pará de Minas/MG: Virtual Books, 2017.

_____. Gramática Sistêmico-Funcional como Ferramenta Teórico Metodológica em Linguística Aplicada: O Caso Xuxa Na Record em Textos Jornalísticos. **Revista Faculdade Santo Agostinho**, Teresina, v. 12, n. 5, art. 10, p.173-195, set./out. 2015.

PEREIRA, B. G.; REIS, M. de A.; BRITO, Y. F. B. Algumas Considerações Teóricas a respeito do Discurso Publicitário. **Cadernos Discursivos**, Catalão - GO, v.1, n. 1, p. 84-99, ago./dez. 2013.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. In.: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.

SIMPSON, A. **Xuxa**: Megamarketing do sexo, da raça e da modernidade. São Paulo: Editora Sumaré, 1994.

ZOLIN-VESZ, F. O Discurso Científico/Colonialista Norte-Americano sobre Xuxa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 245-257, 2013.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

PEREIRA, B. G. Culto à Beleza e Resgate da Imagem de Top Model: Representações da Figura Feminina Xuxa na Condução da Atração Televisiva Dancing Brasil. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.6, art.8, p. 145-164, nov./dez. 2017.

Contribuição dos Autores	B. G. Pereira
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X